

O IMPACTO PSICOLÓGICO DO CIBERBULLYING EM ADOLESCENTES RECIFENSES NO ÂMBITO ESCOLAR

Aretha Ferreira Campos¹
Carla Maria do Nascimento Caldas²
Elaine de Paula Silva Farias³
Erika Karla Santos do Nascimento⁴

RESUMO

O presente trabalho aborda o bullying e o cyberbullying, destacando suas manifestações e impactos na vida dos adolescentes, especialmente no contexto recifense. O bullying é descrito como agressão intencional e repetitiva, enquanto o cyberbullying utiliza meios digitais para intimidar, humilhar e excluir, com grande potencial de disseminação do conteúdo ofensivo. O cyberbullying ocorre por meio de ofensas em redes sociais, compartilhamento de imagens sem permissão e perfis falsos. Suas consequências psicológicas incluem ansiedade, depressão, isolamento e queda no desempenho escolar. O estudo aponta a importância da atuação preventiva das escolas, com ações como educação digital, mediação de conflitos e suporte psicológico. Ressalta-se ainda a necessidade de políticas públicas que integrem escola, família e instituições, promovendo acolhimento, escuta ativa e prevenção. A abordagem deve ser empática e educativa, visando proteger o desenvolvimento emocional dos jovens diante dessa violência silenciosa.

Palavras-chave: Cyberbullying; Adolescência; Saúde mental.

1. INTRODUÇÃO

O bullying é caracterizado como um comportamento agressivo, intencional e repetido, cujo objetivo é causar dano físico ou psicológico à vítima, geralmente em contextos escolares e entre pares (OLWEUS, 1993). Com o avanço das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), esse fenômeno migrou para o espaço virtual, passando a configurar o chamado cyberbullying, prática que utiliza dispositivos eletrônicos para intimidar, humilhar ou excluir indivíduos, sobretudo adolescentes (SLONJE; SMITH; FRISÉN, 2013; WENDT; 2013).

Segundo Shariff (2011), o cyberbullying é uma forma deliberada, repetida e excludente de agressão realizada por meio de tecnologias, com o agravante de que os conteúdos ofensivos podem ser replicados indefinidamente, gerando sofrimento prolongado. Ferreira e

Deslandes (2018) enfatizam que mesmo uma única ação, como a divulgação de imagens íntimas sem autorização, pode causar impactos psicológicos profundos e duradouros.

Essa violência virtual pode assumir várias formas: envio de mensagens ofensivas, exposição pública, criação de perfis falsos e intimidações anônimas. Sua prática é facilitada pelo anonimato, ausência de mediação imediata e a rápida disseminação do conteúdo (ORTEGA apud BROCHADO; SOUSA; FRAGA, 2016).

O aumento dos casos de cyberbullying entre adolescentes tem gerado preocupações significativas no ambiente escolar, onde muitas vezes se manifestam os impactos emocionais dessas agressões virtuais. Diante desse cenário, torna-se relevante analisar as estratégias de prevenção e intervenção que vem sendo propostas ou aplicadas nas escolas recifenses.

2. FORMAS DE CIBERBULLYING NO CONTEXTO RECIFENSE

A cidade do Recife, com seus altos índices de conectividade e desigualdades sociais marcantes, é um ambiente onde o cyberbullying se manifesta com diversas nuances. De acordo com Costa-Fernandez e Donard (2016), o ambiente virtual permite a adaptação de condutas agressivas com novos recursos tecnológicos. Slonje, Smith e Frisén (2013) e Wendt e Lisboa (2013) destacam que o cyberbullying frequentemente se manifesta por meio da divulgação de conteúdos depreciativos, ameaças, exclusão virtual e disseminação de boatos.

Faria (2015) e Zuin (2017) apontam os principais tipos de cyberbullying cometidos por adolescentes brasileiros — também presentes na realidade recifense:

- Ofensas e humilhações públicas nas redes sociais, com base em características físicas, gênero, raça ou classe social;
- Compartilhamento de imagens sem autorização, incluindo “nudes” e montagens difamatórias;
- Criação de perfis falsos (fakes) com o objetivo de enganar, expor ou ridicularizar a vítima;
- Ameaças virtuais, por mensagens diretas ou anônimas;
- Exclusão digital, como bloqueios em redes sociais e remoção de grupos escolares.

Segundo Dooley, Pyzalski e Cross (2009), diferentemente do bullying tradicional, o cyberbullying não depende necessariamente da repetição da agressão: a permanência de um conteúdo difamatório na internet já é suficiente para causar sofrimento contínuo à vítima.

Com base em estudos locais e nacionais, incluem uma variedade de formas de agressão virtual. Embora muitas pesquisas ainda tratem do bullying digital de forma geral, os principais tipos identificados em adolescentes da região (e semelhantes aos encontrados em outras partes do Brasil).

Dentre os tipos de violências cometidas por adolescentes há o bullying, que se refere a um comportamento intencional repetido que visa a machucar e isolar determinada pessoa ou grupo (Olweus, 1993). O agressor se aproveita da ausência de recursos socioemocionais da vítima para exercer controle por meio de torturas psicológicas, humilhações, xingamentos, lesões físicas e outros tipos de agressão (Olweus, 1994). No Brasil, o percentual de jovens que admitem participar ativamente da prática do bullying está entre 19,2% e 20,3%, e a região sudeste do país é onde mais ocorre essa forma de violência (Silva et al., 2019).

Com o advento das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), muitas condutas humanas têm sido adaptadas ao contexto cibernético, dando origem a novas estratégias comportamentais que visam a usufruir das particularidades do ambiente digital (Costa-Fernandez & Donard, 2016). Assim, compreende-se o cyberbullying como uma agressão intencional, facilitada por meio de ferramentas tecnológicas, em especial a internet, cujo objetivo é atacar, expor ou humilhar um determinado grupo ou indivíduo (Slonje et al., 2013; Wendt & Lisboa, 2013).

Usualmente, essa forma de violência se manifesta pelo envio de mensagens com conteúdo ofensivo, divulgação não autorizada de fotos e vídeos, criação de páginas e websites difamatórios, adulteração de imagens e insultos públicos em redes sociais, salas de bate-papo e jogos online (Faria, 2015; Zuin, 2017). O tipo de agressão depende diretamente das habilidades

cibernéticas do agente provocador, já que, por exemplo, o conhecimento técnico requerido para a criação de um website é maior do que o necessário para o envio de uma mensagem de texto.

Apesar de ocorrerem de forma semelhante, nem todas as características do bullying tradicional são imitadas no cyberbullying. Em particular, o caráter repetitivo da agressão presencial não é obrigatório em sua versão digital (Dooley et al., 2009). Nos casos em que o agressor envia várias mensagens inapropriadas à vítima, observa-se diretamente a repetição da conduta inadequada. Contudo, o mesmo não ocorre quando um website é criado para depreciar um alvo ou fotos íntimas são expostas sem autorização prévia.

Nesses cenários, um único ato de ciberagressão acarreta consequências devastadoras, pois o conteúdo difamatório fica exposto por tempo indeterminado e pode ser acessado inúmeras vezes (Ferreira & Deslandes, 2018)

3. CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS DO CIBERBULLYING

O cyberbullying tem produzido efeitos devastadores sobre a saúde mental de adolescentes, especialmente quando não há suporte familiar ou institucional. De acordo com Wendt e Lisboa (2020), vítimas dessa forma de agressão frequentemente desenvolvem sintomas como ansiedade, medo, vergonha, isolamento e queda no rendimento escolar. A ansiedade, por exemplo, manifesta-se por meio de sintomas como insônia, irritabilidade, sudorese e taquicardia (FERREIRA; DESLANDES, 2018).

A depressão também é recorrente entre as vítimas, sendo caracterizada por desinteresse pelas atividades cotidianas, apatia, tristeza profunda e ideação suicida. Souza e Silva (2018) alertam que, sem intervenções adequadas, o sofrimento psíquico pode se intensificar, levando o jovem a buscar alívio por meio de automutilações ou pensamentos de morte.

A resposta de cada adolescente ao cyberbullying depende de fatores como tempo de exposição às agressões, personalidade, suporte emocional e contexto socioeconômico. Entretanto, mesmo casos considerados leves podem deixar marcas profundas na autoestima e no desenvolvimento emocional do jovem.

4. A ATUAÇÃO DA ESCOLA FRENTE AO CIBERBULLYING

A escola é um dos principais espaços de convivência e deve ser parte fundamental no enfrentamento do cyberbullying. Conforme Bazon (2013), as instituições escolares precisam atuar de forma preventiva e não apenas reativa, criando um ambiente de acolhimento e diálogo.

A Cartilha da SaferNet Brasil (2021) propõe ações como o letramento digital e emocional, rodas de conversa, campanhas educativas e formação continuada de professores. Souza e Silva (2018) afirmam que, quando essas ações são integradas ao Projeto Político-Pedagógico (PPP), os resultados são mais duradouros e significativos.

Em Recife, algumas escolas públicas e privadas têm adotado práticas de mediação de conflitos com foco na escuta ativa e na restauração de vínculos. Essas estratégias contam com

o apoio de psicólogos escolares e de instituições como o Conselho Tutelar e o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS).

5. PREVENÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS

De acordo com Wendt e Lisboa (2020), punições isoladas, como advertências ou suspensões, não têm se mostrado eficazes a longo prazo. O modelo mais recomendado é o de intervenção sistêmica, que combina ações educativas, acolhimento psicológico e diálogo com as famílias.

No contexto recifense, marcado por realidades socioeconômicas desiguais, a prevenção ao cyberbullying requer políticas públicas que fortaleçam a rede de proteção à infância e adolescência. Isso inclui capacitação dos profissionais da educação, inserção de práticas restaurativas no cotidiano escolar e ampliação de serviços de apoio psicológico.

A articulação entre escola, família e instituições públicas é essencial para enfrentar o cyberbullying de forma eficaz e garantir o bem-estar emocional dos adolescentes.

6. CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo analisar os impactos do cyberbullying entre adolescentes recifenses, com ênfase nas suas consequências psicológicas. A partir da revisão teórica, foi possível compreender que o cyberbullying se apresenta como uma forma de violência silenciosa, porém extremamente prejudicial, capaz de afetar diretamente a saúde mental de jovens em fase de formação emocional e identitária.

A adolescência é, por natureza, um período de intensas transformações e vulnerabilidades. Quando o jovem é exposto a agressões virtuais constantes, esse processo de desenvolvimento pode ser interrompido por sentimentos de vergonha, medo, tristeza profunda e, em casos mais graves, ideação suicida. A análise demonstrou que, em contextos urbanos como o Recife, marcados por desigualdades sociais e pelo alto nível de conectividade digital, o problema tende a se agravar, o que exige ações específicas e contextualizadas.

Também ficou evidente que o combate ao cyberbullying não deve se limitar a punições pontuais. É necessário investir em ações contínuas de educação emocional, escuta ativa e

prevenção. A escola precisa se consolidar como um espaço de acolhimento e conscientização, enquanto a família deve manter um diálogo aberto e respeitoso com os adolescentes, acompanhando sua vida digital de forma cuidadosa.

Dessa maneira, conclui-se que a atuação conjunta entre psicólogos, educadores, gestores escolares e famílias é essencial para a construção de uma rede de proteção eficaz em torno do adolescente. Apenas com uma abordagem empática, preventiva e educativa será possível enfrentar os efeitos do cyberbullying e promover o bem-estar emocional dos jovens em uma sociedade cada vez mais conectada.

REFERÊNCIAS

BAZON, M. R. M. **Estratégias de enfrentamento de problemas de comportamento infantil**: uma análise crítica. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 18, n. 3, p. 541-549, 2013.

BROCHADO, S.; SOUSA, P.; FRAGA, S. **A violência entre pares adolescentes e o cyberbullying**: revisão da literatura. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 29, n. 2, p. 238-246, 2016.

COSTA-FERNANDEZ, C. F.; DONARD, G. Comportamentos desviantes e cyberbullying no contexto escolar: uma análise teórica. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 521-537, 2016.

DOOLEY, J. J.; PYZALSKI, J.; CROSS, D. Cyberbullying versus face-to-face bullying: A theoretical and conceptual review. *Zeitschrift für Psychologie/Journal of Psychology*, v. 217, n. 4, p. 182–188, 2009.

FARIA, A. S. Cyberbullying e a construção da identidade do adolescente. **Revista Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 139-146, 2015.

FERREIRA, M. M. S.; DESLANDES, S. F. Cyberbullying: um panorama da produção científica brasileira. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 5, p. 1553-1562, 2018.

OLWEUS, D. *Bullying at school: what we know and what we can do*. Oxford: Blackwell, 1993.

SAFERNET BRASIL. *Cartilha Safernet: proteção online e cidadania digital*. 2021.
Disponível em: <https://new.safernet.org.br/>

SHARIFF, S. *Cyberbullying: issues and solutions for the school, the classroom and the home*. New York: Routledge, 2011.

SILVA, M. A. I. et al. Prevalência e fatores associados ao bullying entre adolescentes escolares. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 53, p. 1-11, 2019.

SLONJE, R.; SMITH, P. K.; FRISÉN, A. The nature of cyberbullying, and strategies for prevention. **Computers in Human Behavior**, v. 29, n. 1, p. 26-32, 2013.

SOUZA, A. L.; SILVA, J. A. F. Intervenções escolares no enfrentamento do bullying e cyberbullying: um estudo de revisão. **Revista Brasileira de Psicologia, Brasília**, v. 7, n. 1, p. 15-30, 2018.

WENDT, G. W.; LISBOA, C. S. M. **Cyberbullying e saúde mental de adolescentes: revisão integrativa da literatura**. *Psicologia Escolar e Educacional*, Campinas, v. 24, p. 1–9, 2020.

ZUIN, A. A. S. **Violência virtual na escola: o fenômeno do cyberbullying**. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 38, n. 139, p. 727-739, 2017.

CÂMARA MUNICIPAL DO RECIFE. Audiência Pública para discutir sobre o Bullying e o Cyberbullying nas Escolas: a necessidade de ações concretas de prevenção e de combate. Recife, 21 maio 2019. Disponível em:
<https://www.recife.pe.leg.br/institucional/eventos/audiencia-publica-para-discutir-sobre-o-bullying-e-o-cyberbullying-nas-escolas-a-necessidade-de-aco-es-concretas-de-prevencao-e-de-combate-a-esses-males-que-se-alastram-e-violentam-nossos-alunos>. Acesso em: abr. 2025.

PREFEITURA DO RECIFE (Município). Plano Municipal de Juventude: a juventude mudando o Recife. Recife: Prefeitura Municipal, 2016. Disponível em: https://www2.recife.pe.gov.br/sites/default/files/plano_municipal_juventude_fnal.pdf. Acesso em: abr. 2025.